

FORMAÇÃO DOCENTE E PESQUISA COLABORATIVA: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS E REFLEXÕES PRÁTICAS

Autora: MarluCIA Barros Lopes Cabral (UERN)¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nossas experiências como pesquisadora e docente têm demonstrado “uma certa rejeição” por parte de alguns docentes da educação fundamental em participar de pesquisas propostas por universidades.

Alguns deles estão saturados de participarem de pesquisas que fazem o diagnóstico da realidade, “apontam os erros” e, quando muito, dizem o que precisa mudar, deixando os docentes com instruções a serem seguidas, sem a devida capacitação para fazê-lo.

Isso tem fechado as portas de várias escolas. É um recado claro de que o ato de fazer pesquisa deve ser repensado.

Particularmente, temos percebido que a pesquisa colaborativa tem se configurado como significativa para esse contexto. Autores como Arnal; Del Rincon; Latorre (1992), Fidalgo e Shimoura (2006), Ibiapina e Ferreira (2005 e 2007); Ibiapina; Loureiro Jr. e Brito (2007), Ibiapina. (2007, 2008, 2009), Loureiro Jr.; Ibiapina (2008), Magalhães (2000, 2003, 2004, 2007), Cabral (2005, 2011), dentre outros, têm demonstrado o quanto a pesquisa colaborativa é relevante para a transformação da realidade de professores, configurando-se como

[...] espaço para autoconhecimento e para novas produções; como contexto de empoderamento, mas também, e centralmente, como espaço de criticidade dos diferentes modos de ser profissional, de pensar e agir, na relação com outros; dos modos como entendem seus papéis na atividade com base em experiências sócio-históricas acadêmicas e políticas (MAGALHÃES; LIBERALI, 2011, p. 299-300).

Conceituada como “um processo de indagação e teorização das práticas profissionais dos educadores e das teorias que guiam suas práticas” (ARNAL; DEL RINCÓN; LATORRE, 1992, p. 258), a pesquisa colaborativa “associa ao mesmo tempo atividades de produção do conhecimento e de desenvolvimento profissional” (DESGAGNÉ, 1998, p. 7) e contribui para mudar qualitativamente a realidade da sua atividade docente, visto que, por meio dela, o pesquisador colaborativo, ao conceber a realidade estudada como seu objeto de investigação, além de aproximar a universidade da escola e a teoria da prática, constrói conhecimentos com base em contextos reais, descrevendo, explicando e intervindo nesta realidade, o que possibilita contribuir para transformar, de forma coerente e significativa, tal realidade, já que se instaura um processo produtivo de reflexão, de indagação e teorização das práticas profissionais dos educadores e das teorias que guiam suas práticas. Processo produzido **com** os professores, não apenas para os professores.

¹ Doutorada em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Membro dos grupos de pesquisa PRADILE – UERN Saberes, Práticas Pedagógicas e Currículo – UFRN. Endereço eletrônico: cabraljunior8@hotmail.com

Nesse processo, na ação colaborativa todos os envolvidos têm vez e voz e estão envolvidos em

[...] possibilidades de tomada de riscos para a visão negociada, motivada pelo desejo de transformação, de produção de novas visões, crenças teóricas e práticas. [...] também, questionamentos relacionando dialeticamente práticas a teorias e a interesses a que servem [...] (MAGALHÃES; LIBERALI, 2011, p. 301).

Com essa compreensão, desenvolver uma pesquisa colaborativa “significa agir no sentido de possibilitar que os agentes partícipes tornem seus processos mentais claros, expliquem, demonstrem, com objetivo de criar, para os outros partícipes, possibilidade de questionar, expandir, recolocar o que foi posto em negociação” (MAGALHÃES, 2002, p. 28).

De acordo com Desgagné (1998, p. 2), a pesquisa colaborativa “se articula em volta de projetos onde o interesse de investigação se baseia na compreensão que os práticos, em interação com o pesquisador, constroem a partir da exploração, em contexto real, de um aspecto que se refere a suas práticas profissionais”. Assim compreendendo, este autor (p. 7-8) faz uma síntese do conceito de pesquisa colaborativa, destacando a tripla dimensão que tem caracterizado esse tipo de pesquisa:

- 1 – A pesquisa colaborativa supõe a construção de um objeto do conhecimento entre pesquisador e práticos[...].
- 2 – A pesquisa colaborativa associa ao mesmo tempo atividades de produção do conhecimento e de desenvolvimento profissional[...].
- 3 – A pesquisa colaborativa visa uma mediação entre comunidade de pesquisa e comunidade de prática[...].

Essa síntese pressupõe que uma pesquisa colaborativa só se desenvolve por meio de articulações e relações bem negociadas entre pesquisadores, partícipes e instituições (escolares e universitárias). Nessas relações, as preocupações dos pesquisadores aproximam-se das preocupações dos professores partícipes e se instaura um desafio colaborativo de pesquisa, de construção de conhecimentos e de formação continuada, mediado, sobretudo, pela reflexividade.

A esse respeito, Ibiapina (2007, p. 114 - 115) afirma que:

[...] quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores, compreendendo-as por meio da reflexividade crítica, e proporciona condições para que os professores revejam conceitos e práticas; e de outro lado, contempla o campo da prática, quando o pesquisador solicita a colaboração dos docentes para investigar certo objeto de pesquisa, investigando e fazendo avançar a formação docente, esse é um dos desafios colaborativos, responder as necessidades de docentes e os interesses de produção de conhecimentos. A pesquisa colaborativa, portanto, reconcilia duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação continuada de professores. Essa dupla dimensão privilegia pesquisa e formação, fazendo avançar os conhecimentos produzidos na academia e na escola.

Nessa perspectiva, a pesquisa colaborativa não pode ser neutra e deve caminhar na direção dialética da realidade social, da historicidade dos fenômenos, da prática, das contradições, das relações com a totalidade, concebendo a práxis como mediação básica na construção do conhecimento, visto que, por meio dela, se veicula a teoria e a prática; o pensar, o agir e o refletir, o processo de pesquisa e de formação.

Ibiapina e Ferreira (2008, p. 28), tratando dos modelos investigativos das pesquisas colaborativas, afirmam que:

As pesquisas colaborativas apresentam modelos investigativos que rompem com a lógica empírico-analítica a partir do uso da reflexão e da prática de colaboração como procedimentos que servem para os professores compreenderem ações, desenvolverem a capacidade de resolver problemas e trabalharem com mais profissionalismo.”

Na pesquisa colaborativa, investigadores e co-investigadores são essencialmente ativos e as reflexões construídas coletivamente são orientadas para as ações que pretendem transformar a realidade. Nesse sentido, há, pois, um processo formativo que mobiliza saberes da teoria e da prática, científicos e experienciais de sujeitos historicamente situados, capazes de desenvolver competências e habilidades, em um processo contínuo de construção de novos conhecimentos que se mobilizam para transformar a prática educativa.

Nesse sentido, um novo agir profissional é construído, por meio da imediata articulação entre teoria e prática. Como, nos moldes da pesquisa colaborativa, esse novo agir deve ser emancipatório, ela se desenvolve na constante busca de compreensão, de interpretação e de solução de problemas que os docentes enfrentam, por meio da produção de conhecimentos, da auto-reflexão e das possibilidades de desenvolvimento profissional, tanto para o pesquisador como para os partícipes (KEMMIS, 1987). A pesquisa colaborativa possibilita, pois, o potencial de, como dizem Ibiapina e Ferreira (2007, p.31):

[...] dar conta não somente da compreensão da realidade macrossocial, mas, sobretudo, em dar poder aos professores para que eles possam compreender, analisar e produzir conhecimentos que mudem essa realidade, desvelando as ideologias existentes nas relações mantidas no contexto escolar.

Em suma, a pesquisa colaborativa cria condições favoráveis à mudança, à transformação da prática educativa, de um fazer espontâneo para um saber fazer consciente e conscientizador, com vistas à superação de problemas, à autoreflexão, à formação continuada e à produção do conhecimento científico.

Assim sendo, acreditamos, a pesquisa colaborativa se configura como uma importante alternativa para (re)abrir as portas das escolas aos pesquisadores e, mais que isso, o saber por ela produzido é relevante para todos os que nela estão envolvidos. A produção de conhecimento resultante de pesquisas dessa natureza – teórico, prático, contextual, real, útil – é um saber emancipador que possibilita aos professores partícipes um saber-fazer autônomo e uma necessidade constante de continuar aprendendo pela positiva relação teoria-prática.

A PESQUISA "O PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA INTERLOCUÇÃO TEORIA-PRÁTICA": O QUE PENSAM AS DOCENTES PARTICÍPES SOBRE A PESQUISA COLABORATIVA

Desenvolvida no período de 2008 a 2010, a pesquisa "O professor e sua formação linguística: uma interlocução teoria-prática" teve como partícipes, além da autora, três professoras da EETB. Ela surgiu de inquietações das partícipes nela envolvidas – as da pesquisadora, que almejava fazer mais do que diagnosticar e analisar os problemas e as das professoras da escola campo de investigação, que clamavam por

mediadores mais experientes que as ajudassem a transformar a realidade expressa em números pelo "Prova Brasil" (2005).

Em 2008, iniciamos a nossa pesquisa com apenas duas professoras da EETB. Em 2009, mais uma docente integrou-se ao grupo. Este manteve-se, do início de 2009 até o final da pesquisa, em 2010, com quatro partícipes.

Coletivamente, escolhemos pseudônimos que começam com a primeira letra dos nossos nomes e que têm relação com o que, acreditamos, contemple uma de nossas características, enumeradas pelas parceiras e acordadas pelo grupo.

Assim, passamos a ser identificadas pelos seguintes pseudônimos: "Jóia Rara" (professora com mais de sete anos de docência, Graduada em Pedagogia); "Preciosa" (educadora que leciona há mais de treze anos, Graduada em Pedagogia); "Comprometida" (que atua na educação há mais de vinte anos, Graduada em Letras); e "Maravilhosa" (professora coordenadora da pesquisa, com mais de vinte e sete anos de docência, formada em Pedagogia, especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna, Mestre em Estudos da Linguagem e, na época da pesquisa, Doutoranda em Educação).

Como um dos primeiros passos da pesquisa colaborativa é o que Aguiar (2008, p. 57) chama de "pré-ação", isto é, "sensibilizar as professoras em relação à importância da formação continuada e o engajamento nos contextos propiciadores de reflexão sobre as ações desenvolvidas em sala de aula", no nosso caso específico, refere-se a uma sensibilização por meio da explicação dos objetivos da nossa pesquisa e do esclarecimento do que significa participar de uma pesquisa colaborativa, explicitando os benefícios educacionais, profissionais e científicos que a participação nesse estudo possibilita.

Sobre o engajamento de professores, Ibiapina e Ferreira (2008, p. 23) chamam a atenção para o fato de que é necessário que o pesquisador compreenda que:

O que será, antes de tudo, solicitado aos docentes é o seu engajamento no processo de reflexão sobre determinado aspecto da prática, processo que levará esses profissionais a explorar situação nova associada à prática docente e a compreender teorias e hábitos não conscientes, para, com base na reflexividade, construir entendimento das determinações históricas e dos vieses ideológicos que ancoram a prática escolar, contribuindo, assim, para concretização dos ideais de formação e desenvolvimento profissional e de produção de teorias mais próximas dos anseios sociais de mudança da sala de aula, da escola e da sociedade.

Nessa perspectiva, o engajamento representa um ato volitivo, por parte das partícipes, que devem decidir se estarão dispostas a assumirem o compromisso de refletir sobre a sua prática, (re)elaborando saberes que modificarão o seu saber-fazer pedagógico.

Nesse processo, é necessário que façamos os esclarecimentos sobre a metodologia da pesquisa a fim de obter das partícipes o consentimento informado e a assinatura do termo de adesão voluntária à pesquisa, passo ético essencial à pesquisa colaborativa, que denota o compromisso e a responsabilidade da pesquisadora e das partícipes, além de dar início ao estabelecimento de confiança mútua e esforços sinceros, "elementos que estão no centro de uma bem sucedida negociação de entrada e manutenção do consentimento informado dos participantes" (TOBIN, 1998, p. 97).

Após a realização desse passo, o engajamento, a nossa pesquisa se desenvolveu principiando pelo diagnóstico dos conhecimentos prévios e a escolha dos problemas, dando continuidade com os **Ciclos de Estudos Reflexivos** concebidos como:

[...] um procedimento complexo de construção, (re)construção de conhecimentos e do próprio processo cognoscitivo, uma vez que as análises e discussões neles vivenciadas oportunizam, além da reconstrução de saberes, a reconsideração de valores, crenças e objetivos da ação, propiciando a opção por alternativas mais eficazes à solução dos problemas vivenciados no cotidiano da prática pedagógica. (AGUIAR; FERREIRA, 2007, p. 76).

Paralelo aos Ciclos de Estudos Reflexivos, também trabalhamos com **Sessões Reflexivas** que se constituem como um espaço aberto a todos os partícipes, “[...] seria, assim, um lócus em que cada um dos agentes tem o papel de conduzir o outro à reflexão crítica de sua ação ao questionar e pedir esclarecimentos sobre as escolhas feitas” (MAGALHÃES, 2002, p. 21). Elas envolvem quatro ações que estão relacionadas a certos tipos de perguntas: 1ª - **O que fiz?** (descrição das ações); 2ª - **O que agir desse modo significa?** (relacionar as escolhas feitas com teorias); 3ª - **Como cheguei a ser assim?** (configuração de um quadro sócio-histórico); 4ª - **Como posso agir diferentemente?** (re) construção das ações que delinearão um novo fazer, construído na relação teoria-prática). (MAGALHÃES, 2000).

Nas sessões reflexivas fazemos uso das três modalidades de reflexão que a pesquisa colaborativa comporta: a reflexão **intrassubjetiva** - na qual a partícipe, que descreve uma de suas aulas, faz acerca desta; a **intersubjetiva dos pares** - as outras partícipes presentes na sessão questionam, pedem esclarecimento e apresentam sugestões à partícipe que descreveu e refletiu sobre sua aula, conduzindo-a a novas reflexões - e a **intrasubjetiva dos pares** - que analisam com o quê e como contribuiu com a partícipe que teve sua aula analisada.

Além desses procedimentos, a entrevista, a observação e as notas de campo foram utilizadas. Em síntese, foram desenvolvidas ações genuinamente colaborativas. Nelas, todas as partícipes tiveram clareza de seus papéis e sentiam-se à vontade de "desnudarem-se" por perceberem que podiam fazê-lo sem medo, sem estigmas, sem sentirem-se “menor”, ao contrário viam seus pontos fortes valorizados e seus pontos fracos trabalhados de maneira ética. Compreendiam e sabiam expressar, espontaneamente, o que representava estarem envolvidas em uma pesquisa colaborativa.

As falas das partícipes da escola campo de pesquisa, “Jóia Rara²”, “Preciosa³” e “Comprometida⁴” podem comprovar isso. Vejamos o que diz a partícipe “Comprometida” ao ser questionada sobre o que significou, para ela, participar de uma pesquisa colaborativa que trabalha com problemas relacionados ao ensino-aprendizagem da linguagem verbal:

Significa uma oportunidade de aprimorar minha formação de professora, pois, como podemos observar, no desenvolver da pesquisa colaborativa todos os partícipes - tanto a pesquisadora mais experiente, quanto as pesquisadoras menos experientes - têm oportunidades iguais dentro do grupo de pesquisa.

O dito por “Comprometida” demonstra a percepção da equidade dentro do grupo de pesquisa. A visão de que todas as partícipes têm oportunidades iguais denota

² Professora com mais de sete anos de docência, formada em Pedagogia. O pseudônimo “Jóia Rara” visa a guardar a anonimidade da partícipe.

³ Professora com mais de doze anos de docência, formada em Pedagogia. O pseudônimo “Preciosa” visa a guardar a anonimidade da partícipe.

⁴ Professora com mais de vinte anos de docência, formada em Letras. O pseudônimo “Jóia Rara” visa a guardar a anonimidade da partícipe.

que a mesma sente-se entre pares, pesquisadoras de uma realidade que se configura como uma oportunidade de aprimoramento de sua formação docente.

Respondendo a mesma questão, “Jóia Rara” declara que:

É através da pesquisa colaborativa que professoras estão tendo a oportunidade de uma formação em que possam discutir e estudar as dificuldades encontradas na aprendizagem de seus alunos, e, assim, colocá-las em prática para que os mesmos adquiram melhores conhecimentos.

Focalizando o retorno que dará ao aluno em sala de aula, “Jóia Rara” compreende que a pesquisa colaborativa vem ao encontro das necessidades do contexto real, das dificuldades que os alunos vivenciam. Assim, as discussões e os estudos vivenciados, por ela, no processo de formação continuada, via pesquisa colaborativa, têm influência direta na melhoria do conhecimento dos seus alunos. Portanto, a pesquisa colaborativa representa, para esta docente, uma oportunidade de formação que tem retorno direto na aprendizagem de seus discentes.

A exemplo de “Jóia Rara”, “Preciosa” também concebe a pesquisa colaborativa como uma oportunidade de formação que proporciona melhorar os conhecimentos dos seus alunos. Vejamos o que esta explicita ao responder a mesma questão:

É uma oportunidade de formação para os professores pesquisadores poderem trabalhar com base nas deficiências de aprendizagem de seus alunos. Tendo, assim, melhor capacidade do professor resolver as dificuldades encontradas em sala de aula e melhorando os conhecimentos cognitivos dos alunos.

“Preciosa” acredita que a sua participação na pesquisa colaborativa que estamos desenvolvendo melhora a sua capacidade de resolver as dificuldades que ela e seus alunos vivenciam no processo ensino-aprendizagem.

Convém registrar que “Preciosa” pode ser um exemplo de que os professores engajados em uma pesquisa de formação e produção de conhecimento, voltada para as suas ansiedades, para o contexto da sua própria atividade docente, para as necessidades reais dos seus alunos, é algo que produz uma motivação, que proporciona um elo que gera uma força que faz superar limites. Explicamos: “Preciosa”, logo depois do início da nossa pesquisa, foi vítima de dois problemas de saúde – um ginecológico e outro cardíaco – que a conduziu à cirurgia e ao afastamento, definitivo, de sala de aula. Isso não a abateu. “Preciosa” solicitou readaptação de função e continuou participando da pesquisa até a conclusão.

É assim na pesquisa colaborativa, serem humanos vivenciando relações humanas, trocando saberes, energias. Colaborando uns **com** os outros, ampliando conhecimentos teóricos, melhorando conhecimentos práticos, construindo um saber-fazer consciente e conscientizador, com respeito e valorização à pessoa humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que a nossa forma de demonstrar como a pesquisa colaborativa pode ser relevante para a formação continuada de professores e de tentar persuadir mais docentes e pesquisadores a engajarem-se nesse tipo de pesquisa pareça algo construído com um subjetivismo utópico, acreditem, não o é. A pesquisa de doutoramento que

desenvolvemos é uma prova clara de que as docentes nela envolvidas, refletindo sobre suas práticas, à luz de teorias, mudaram, de forma produtiva, o processo ensino-aprendizagem da linguagem por elas mediados.

Nossa forma de conceber pesquisa, de fazer pesquisa, teve um salto qualitativo quando conseguimos apreender os propósitos da pesquisa colaborativa e quando a colocamos em prática. Também as partícipes, envolvidas em nossa pesquisa, compreenderam a importância da pesquisa colaborativa para os seus processos de formação continuada. Elas são conscientes dos efeitos positivos que a pesquisa colaborativa produziu na práxis docente que desenvolvem, isto podemos constatar nas falas delas destacadas neste artigo.

A reflexão e a colaboração – conceitos básicos da pesquisa colaborativa – apontaram caminhos dantes não visualizados – por nós e pelas docentes partícipes. Caminhos para uma formação continuada pautada em necessidades reais, em motivações concretas, produzindo conhecimentos na positiva relação teoria-prática. Isso porque, como afirma Ibiapina (2011, p. 237), "A pesquisa, a colaboração e a reflexão fazem parte de esforços amplos para transformar o ensino, a aprendizagem, a universidade e a própria sociedade".

Dito isso, fechamos as nossas considerações finais com um convite ao leitor deste artigo para conhecer melhor **o que é e como se faz pesquisa colaborativa**. Nossas referências sugerem leituras sobre essa temática.

BIBLIOGRAFIA

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Cordex, Portugal: Editora do Porto, 1994.

CABRAL, M. B. L. **Educação, lingüística aplicada e a pesquisa colaborativa: esboço de um estudo sobre o ensino-aprendizagem da linguagem verbal**. www.uern/epa.br. (mídia eletrônica). 2009.

DESGAGNÉ, Serge. **Réflexions sur le concept de collaborative**. Les Journées du CIRADE. Centre Interdisciplinaire de Recherche sur l'Apprentissage et le Développement em Éducation, Université du Québec à Montreal, octobre – 1998. pp. 31-46. Tradução-Livre: Adir Luiz Ferreira. Natal/ Novembro- 2003.

DENZIN, N. K.; LINCON, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FIDALGO, S. S. e SHIMOURA, A. da S. (Orgs.) **Pesquisa crítica de colaboração: um percurso da formação docente**. São Paulo: Doctor, 2006.

IBIAPIANA, I. M. L de M.; RIBEIRO, M. M. G. e FERREIRA, M. S.(Orgs.). **Pesquisa em educação: múltiplos olhares**. Brasília: Líder Livro Editora, 2007.

IBIAPINA, I. M. L. de M., LOUREIRO JR., E. e BRITO, F. C. O espelho da prática: reflexividade e videoformação. In: **Formação de professores: texto & contexto**. Belo Horizonte; Autêntica, 2007.

IBIAPIANA, I. M. L de M. (Org.). **Formação de professores: texto & contexto.** Belo Horizonte; Autêntica, 2007.

IBIAPIANA, I. M. L de M. (Org.). **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos.** Brasília: Líder Livro Editora, 2008.

IBIAPIANA, I. M. L de M. História de professores universitários: reflexões e diálogos. In: BALDI, E. M. B.; PIRES, G. N. da L.; SALONILDE, M. S. **Políticas educacionais e práticas educativas.** Natal: EDUFRN, 2011.

LOUREIRO JR., E. IBIAPINA, M. L. de M. (Orgs.). **Vioformação, reflexividade crítica e colaboração: pesquisa e formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAGALHÃES, M. C. C. **Sessões reflexivas como ferramenta aos professores para a compreensão crítica das ações da sala de aula.** 5º Congresso da Sociedade \internacional para a pesquisa cultural e teoria da atividade. Amsterdam: Vrije University. Julho de 2002.

MAGALHÃES, M. C. C. Ação colaborativa na formação do professor como pesquisador. In: FIDALGO, S. S. e SHIMOURA, A. da S. (Orgs.) **Pesquisa crítica de colaboração: um percurso da formação docente.** São Paulo: Doctor, 2006.

MAGALHÃES, M. C. C; LIBERALI, F. C. A formação crítico-colaborativa de educadores: a "vida que se vive" - uma complexa escolha metodológica. In: BALDI, E. M. B.; PIRES, G. N. da L.; SALONILDE, M. S. **Políticas educacionais e práticas educativas.** Natal: EDUFRN, 2011.

TOBIN, K. **Questões éticas associadas à pesquisa em ensino e aprendizagem.** Université Du Québec à Montréal. Vol. 1, set. 1998. (tradução livre de Adir Luiz Ferreira. UFRN/2008).